
Um percurso de naturalização da violência contra professores*

Ana Carolina Cortez Noronhaⁱ

Resumo: Neste trabalho, investiga-se a construção de um percurso que naturaliza a violência contra professores e professoras por meio de textos sincréticos veiculados em mídias digitais e em redes sociais no ano de 2019 com o objetivo de compreender se uma homenagem do dia dos professores que circulou nesse ano, feita a uma professora morta, constitui uma violência simbólica. Esse foi um ano de grandes mudanças no cenário político brasileiro, o primeiro ano de um governo violento que fez dos docentes um de seus alvos preferenciais. A escolha de se homenagear uma professora morta no exercício da profissão e de colocá-la como exemplo suscitou a pergunta de investigação deste trabalho: como é possível que uma professora se torne uma mártir e essa característica, a despeito de quaisquer outras qualidades necessárias a um docente para o exercício de sua profissão, passe a ser apontada como exemplar? Utilizando a teoria semiótica discursiva de linha francesa, analisa-se esse percurso gerativo de sentido para se chegar à oposição fundamental “sagrado” e “profano”, aliada ao peso da associação da profissão docente às mulheres e do recrudescimento da violência no cenário nacional, centrais no estabelecimento desse percurso.

Palavras-chave: Semiótica discursiva; violência contra professores; violência; professores.

* DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2025.229219>.

ⁱ Professora assistente doutora do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade Estadual Paulista, UNESP, Assis, SP, Brasil E-mail: ana.noronha@unesp.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4045-677X>.

Introdução

O ano é 2019. Ao se olhar para o contexto político, foi um ano de ruptura marcada pelo início de um governo federal autoritário e violento, que hoje, em 2025, comprehende-se como tendo sido um período durante o qual se perderam direitos, perderam-se vidas, perderam-se áreas verdes, entre outras perdas importantes. Um governo de morte que, no entanto, não só foi eleito por meio do voto, como também chegou muito perto da reeleição em 2022.

15 de outubro é Dia do Professor no Brasil. Nesse dia, em 2019, encontramos uma imagem publicada em redes sociais que provocou grande desconforto e nos trouxe a esta investigação. Estamos tratando da Figura 1, reproduzida abaixo. Encontrada em contexto que não deixava dúvida quanto a se tratar de uma homenagem sincera, não-irônica, tem-se, nela, a foto de uma mulher que olha para a câmera num olhar algo interrogativo e esboça um leve sorriso. Tem os braços apoiados na cintura e cabelos compridos. Nessa foto se lê, em letras grandes: “Feliz dia dos professores a todos os professores do Brasil!” E, na sequência, em letras um pouco menores: “Lembrança especial a Heley de Abreu, que sacrificou sua vida para salvar seus alunos em um incêndio em uma escola em Minas Gerais”. Há nuances de cor verde, amarela e azul aplicadas sobre a imagem da mulher, o que sugere o tema patriotismo, bastante comum nesse período de que estamos tratando. O estranhamento foi causado por habitualmente encontrarmos homenagens a professores e professoras em forma de mensagens com flores, corujas, maçãs, quadros negros, que remetem à abertura de “janelas de sabedoria” que se abrem para o mundo, aos frutos colhidos em decorrência dos ensinamentos, situadas no campo do agradecimento pelo compartilhamento do saber. Na homenagem a Heley de Abreu, foi a primeira vez que encontramos uma homenagem feita a uma professora que morreu no exercício de sua profissão — como um soldado —, em detrimento da valorização do exercício do magistério que se costumava ver. Note-se, ainda, que o uso do termo “professores”, supostamente neutro, é enunciado duas vezes no breve espaço da imagem, apagando o gênero da homenageada ou, mais provável, reforçando que é ao gênero masculino que se prestam homenagens, mesmo que o mártir em questão seja uma mulher.

Figura 1: Homenagem a Heley de Abreu, falecida, pelo dia dos professores.



Fonte: Imagem colhida pela autora na rede social Instagram,
em 15/out/2019, dia do professor.

Para efeito de contextualização, em 30 de outubro de 2017, em Janaúba, MG, houve um incêndio em uma escola de ensino fundamental e a professora Heley de Abreu, ao tentar proteger seus alunos, teve uma grande parte de seu corpo queimada, motivo que a levou à morte dias depois.

A escolha de se homenagear uma professora morta no exercício da profissão e de colocá-la como exemplo fez emergir nossa pergunta de investigação: como é possível que uma professora se torne uma mártir e essa característica, a despeito de quaisquer outras qualidades necessárias a um docente para o exercício de sua profissão, passe a ser apontada como exemplar? Como se pode tratar de morte quando se homenageiam docentes? Nossa hipótese é de que (i) a naturalização da violência, banalizada por meio da repetição de temas e figuras nas mídias, combinada a (ii) um discurso social que prega a violência e a morte levam à exaltação da morte como um fim. Assim, buscamos estabelecer um percurso que leve até ela. A imagem que trouxe estranhamento parece apresentar-se como um ponto de chegada desse percurso.

1. A busca pelo estabelecimento do percurso gerativo do sentido: prólogo

Para buscar estabelecer a construção de um percurso de sentido que explique a “homenagem”, recorremos a imagens e notícias sobre professores veiculadas pelas mídias em 2019 e pouco antes dessa data. Trata-se de uma seleção que fizemos por meio de sites de busca de notícias e também pela memória recente, no caso do professor vítima de violência dentro da escola no

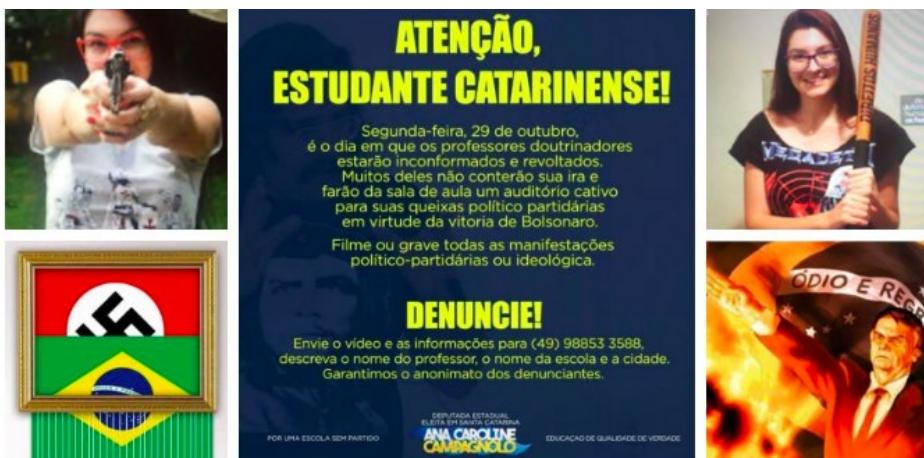
interior de São Paulo em 2019, cuja foto está na colagem da Figura 4. Para encontrá-las, buscamos por “professor” e “violência” no final do ano de 2019, chegando aos resultados imagéticos e verbais mostrados neste trabalho.

Essa busca pelas imagens se coloca como uma busca pela discursivização — o “fazer sentido” — depois do estranhamento causado pela foto do dia dos professores. Esse estranhamento pode ser entendido como uma pequena epifania (no sentido de percepção repentina), uma noção estética da semiótica greimasiana segundo a qual o irrompimento de um acontecimento tira o sujeito do seu curso e o deixa exposto (Tatit, 2010). A discursivização é o modo de esse sujeito parar e tentar retomar o ponto em que estava antes, construindo para ele uma sequência coerente, que é tradicionalmente denominada pela semiótica francesa, da qual nos valemos para esta análise, de percurso gerativo do sentido.

Para encontrá-lo, trabalha-se no plano do conteúdo do texto (na concepção hjelmsleviana de que um texto é formado por um plano do conteúdo e um plano da expressão), estabelecendo-se três etapas, cada uma com uma gramática autônoma. Para este trabalho, iniciamos pelas figuras e pelos temas que surgem no nível discursivo, o mais superficial e concreto dos níveis de análise. A reiteração de temas ou figuras estabelece o que se denomina uma isotopia e, desse modo, se dá a coerência semântica do texto, estabelecendo-se uma (ou mais) leitura(s) possível(is). Essas figuras e temas resultam das escolhas de um enunciador que deixa suas marcas no texto e que, a partir de seu ponto de vista e da sua visão de mundo, “fez fazer” o sentido. No nível profundo, mostra-se uma oposição de base do texto, donde se depreendem relações que entretêm os traços distintivos que constituem uma categoria semântica. Entre o nível discursivo, das figuras e dos temas trazidas por escolha do enunciador visando a seu enunciatário, e o nível profundo, as estruturas narrativas dão conta dos estados do sujeito e das transformações que um sujeito opera sobre seu objeto.

Buscando a coerência semântica que nos levará até a Figura 1, trazemos, para o estabelecimento do que podemos chamar de prólogo, uma primeira imagem em que a figura do professor aparece mais explicitamente na parte verbal do texto, embora também esteja presente, implicitamente, na parte imagética. Trata-se de um texto sincrético, uma postagem feita em rede social por uma deputada recém-eleita no final de 2018, no mesmo momento da eleição de um governo federal que ficaria marcado como autoritário e violento, e que vinha na sequência de um governo anterior que já havia avançado duramente sobre os direitos dos trabalhadores e da população. Quando foi confirmada a eleição desse novo governo, os docentes estavam entre os primeiros a serem atacados. “Filmem seus professores”, dizia a deputada estadual recém-eleita em Santa Catarina, no domingo da eleição (dia 28 de outubro de 2018). Vejamos a Figura 2.

Figura 2: Reprodução das redes sociais da deputada Ana Caroline Campagnolo pelo site Jornalistas Livres, em 29/10/2018.



Deputada eleita incita violência e perseguição contra professores em Santa Catarina

Fonte: DEPUTADA [...] (2018).

Essa imagem, sozinha, apresenta um resumo acurado da violência explícita e neofascista que foi legitimada pelas eleições de 2018. Acima, à esquerda, uma mulher jovem e com uma expressão serena e confiante, óculos e unhas vermelhas, aponta uma arma para seu interlocutor num close fechado, do busto para cima, com o topo da cabeça também cortado e o cano do revólver como elemento central. À direita, a mesma mulher (a deputada que fez a publicação), sorridente, empunha um taco de beisebol no qual se lê “Direitos Humanos”, figurativizando um discurso da extrema-direita de que os Direitos Humanos são “coisa da esquerda” para defender bandidos indefensáveis, uma espécie de “falta de vergonha na cara” que se corrigiria com (muita) violência física. O decote da camiseta insinua uma sensualidade que as unhas e o aro dos óculos, vermelhos, complementam. Embaixo, à esquerda, a bandeira do Brasil, emoldurada como um quadro, no que parece um movimento descendente em um triturador, dando lugar à bandeira nazista. A divulgação da cruz suástica, símbolo do nazismo, é crime, de acordo com a legislação brasileira — Lei n. 9.459, de 13 de maio de 1997 (Brasil, 1997) — e, por esse motivo, a recém-eleita deputada deveria ter sido presa por causa dessa postagem. E, do lado direito, embaixo, o rosto contraído em expressão grave do então recém-eleito presidente da República, com a mão em posição de saudação nazista e, no fundo, à esquerda, um fogaréu destruidor, à direita, a bandeira do Brasil em preto e branco, na qual se lê ódio e regre (e que todo leitor completa como “regresso”, para relacionar com “progresso”, no lema da bandeira). O texto, ao centro dessas imagens descritas, está em amarelo sobre fundo azul, e diz:

ATENÇÃO, ESTUDANTE CATARINENSE!

Segunda-feira, 29 de outubro [2018], é o dia em que os professores doutrinadores estarão inconformados e revoltados. Muitos deles

não conterão sua ira e farão da sala de aula um auditório cativo para suas queixas político-partidárias em virtude da vitória de Bolsonaro. Filme ou grave todas as manifestações político-partidárias ou ideológica.

DENUNCIE!

[segue telefone, instruções e garantia do anonimato]

Em letras bem pequenas, ao pé da página, lê-se: “Por uma escola sem partido”. Depois, o logo de campanha eleitoral com nome da deputada e, por fim, “Por uma educação de qualidade de verdade”¹.

A combinação de textos contidos nessa postagem incita à violência e à morte, seja pela arma empunhada, seja pelo fogo que destrói a bandeira, seja pelo símbolo nazista que destrói tudo o que não contribua para essa superioridade mítica encenada e almejada. No centro, uma associação, uma produção de relação entre os sujeitos professores e a qualificação de doutrinadores e revoltados, sujeitos queixosos de ira incontida. A incitação à filmagem das “manifestações político-partidárias e ideológicas” faz lembrar que o lexema “ideologia” se reveste, nesse universo discursivo, de um sentido de força das ideias perniciosas e mentirosas que provocam “o mal”. Além disso, o uso do futuro do presente traz um efeito profético “não conterão sua ira”, “farão da sala de aula um auditório cativo” de um enunciador que se coloca como um sujeito do saber e que prevê os acontecimentos do futuro próximo (nesse caso, o dia seguinte).

Essa imagem-prólogo coloca no centro, no texto verbal, o professor-doutrinador que deve ser denunciado. Os textos imagéticos que o cercam expressam a violência de variadas formas: a arma que mata, o taco de beisebol “contra os direitos humanos” que agride e pode matar, o fogo que queima e destrói, a continência à ordem fascista, a bandeira brasileira que é desfeita para dar lugar ao nazismo. Tem-se, portanto, uma isotopia da violência e da destruição, um caminho para a morte, seja ela concreta (como aconteceu com outros atores que se opuseram a esse cenário), ou simbólica, na intimidação que visa a fazer calar.

2. A violência contra professores em imagens e notícias

2.1 A violência física

Desse quadro nefasto do final de 2018, passamos a fevereiro de 2019, com uma fotografia retirada do noticiário estadual paulista. A Figura 3, reproduzida abaixo, traz o rosto ensanguentado de uma professora, nas ruas, em meio a

¹ Para ver considerações sobre esse “de verdade” como característico do discurso da extrema-direita brasileira no sentido de um discurso de revelação de segredos, remetemos aos trabalhos de Diana Barros (2016, 2022).

policiais militares, informando se tratar de uma professora da rede municipal de ensino de São Paulo que foi agredida em 07/02/2019 enquanto se manifestava contra a reforma da previdência do Estado. Na imagem, lê-se a manchete que acompanhou essa notícia: “Professora é agredida por PM durante manifestação em SP”. Lê-se, também, a chamada para o vídeo: “Vídeo compartilhado em redes sociais mostra momento em que carro tenta passar no meio do protesto, manifestantes resistem e policiais usam cassetete para dispersar o grupo”.

Figura 3: Notícia sobre professora agredida pela PM em manifestação em São Paulo, março de 2019.

Professora é agredida por PM durante manifestação em SP

08/02/19 por Maria Teresa Cruz

Compartilhe este conteúdo:



Vídeo compartilhado em redes sociais mostra momento em que carro tenta passar no meio do protesto, manifestantes resistem e policiais usam cassetetes para dispersar grupo



Uma professora da rede pública de ensino da cidade de São Paulo foi agredida por um policial militar com golpes de cassetete durante protesto contra o Sampaprev, projeto que altera a previdência dos servidores municipais, nesta quinta-feira (7/2). O ato começou em frente a Prefeitura de São Paulo, na região central da capital paulista, e reuniu servidores munici-

Fonte: Cruz (2019).

Note-se que a professora, em primeiro plano e com o rosto ensanguentado, está com o braço esticado, como se estivesse apontando para algo, em atitude de denúncia. Ao fundo, a polícia militar fardada, numerosa, em presença que toma todo esse plano e que a coloca como agente da violência (ou da ordem, se se olhar por outro prisma). O sangue que escorre pelo rosto da professora ilustra o acontecido.

Docentes vítimas de violência aparecem com certa frequência na mídia, como se pode ver pela montagem que fizemos para a Figura 4, extraídas de

notícias que vão de 2015 a 2019². A repetição de imagens de violência tende a atenuar o seu impacto no enunciatário e até a normalizá-las ou banalizá-las.

Figura 4: Montagem com imagens de violência contra professores.



Fonte: elaboração própria a partir de notícias da mídia digital de violência contra professores e professoras.

Nas imagens, em comum, o fato de se tratarem de docentes e de haver sangue em seus rostos. A foto de 2015 foi feita durante protestos dos professores por causa de mudanças que o governo estadual estava fazendo em seu sistema de previdência, em Curitiba. Há sangue no rosto do homem, que está sendo alvo de um golpe violento no pescoço por parte de um policial fardado. A foto de 2017 é de uma professora do interior de Santa Catarina, agredida por um aluno ao expulsá-lo da aula por mau comportamento. Ela foi, na sequência, agredida nas redes sociais por postagens anteriores de crítica ao então deputado federal que aparece na Figura 2. Em 2018, a professora retratada foi agredida na capital, dentro da Câmara Municipal, em sessão de votação a respeito de mudanças nas regras da previdência dos docentes. Seu nariz foi quebrado. A imagem de 2019 mostra um professor de 62 anos no interior do estado de São Paulo que foi agredido por um aluno, em sala de aula, ao solicitar a ele que parasse de atrapalhar a aula. Em comum, a profissão de docente, o sangue aparente, a expressão facial de incredulidade pela situação em que se encontram.

2.2 A violência simbólica

A Figura 5 destoa das imagens 3 e 4, mas se avizinha da Figura 1 pelo tipo de violência que contém, uma violência que nem sempre se reconhece como tal. Tem-se uma mulher de meia idade, cabelos longos e de óculos, debruçada para

² Há mais ocorrências depois de 2019, mais recentes, mas, para este trabalho, preferimos manter o recorte temporal.

falar com um homem que usa um chapéu de boiadeiro e está sentado em uma carteira escolar, com um lápis na mão. Ao lado desse homem, é possível ver mais duas pessoas em posição semelhante, de escrita e, atrás da mulher, uma lousa. A manchete diz “Professora monta escola dentro de bar e alfabetiza moradores de vila rural em Gavião Peixoto” e, logo abaixo: “Há 7 anos, Ana Cláudia Peleteiro deixou a família em Araraquara, comprou o bar e decidiu ensinar quem precisa todos os dias. ‘Eu tenho o maior prazer de fazer o que eu faço’, afirma”. No texto da reportagem, a primeira frase diz: “Uma professora de 48 anos *se tornou exemplo* de ajuda ao próximo ao montar uma escola dentro de um bar em Gavião Peixoto (SP)” (grifo nosso).

Figura 5: Notícia sobre professora que monta escola dentro de bar.

Professora monta escola dentro de bar e alfabetiza moradores de vila rural em Gavião Peixoto

Há 7 anos, Ana Cláudia Peleteiro deixou a família em Araraquara, comprou o bar e decidiu ensinar quem precisa todos os dias. ‘Eu tenho o maior prazer de fazer o que eu faço’, afirma.

Por EPTV1
12/12/2019 16h35 · Atualizado há 4 dias



A professora Ana Cláudia Peleteiro alfabetiza moradores de vila rural há 7 anos em Gavião Peixoto — Foto: Toni Mendes/EPTV

Fonte: EPTV1 (2019).

Quando se estabelece que a professora Ana Cláudia é exemplo, mostra-se com clareza o tipo de trabalho que os e as professoras deveriam fazer: trabalhar por “prazer”, sem remuneração, em um trabalho carregado da simbologia contida no ato de transformar um bar em uma escola. Para essa professora, inserida na sociedade em que vivemos na qual o valor das pessoas é dado por seu trabalho e sua remuneração, impõe-se a violência simbólica da abnegação, em que ela renuncia a valores sociais importantes. Ela deixa a família (renuncia às pessoas do seu entorno), compra o bar (renuncia ao dinheiro próprio em benefício alheio) e se dedica a ensinar “quem precisa” (renuncia ao trabalho remunerado, pois “quem precisa”, na nossa sociedade, é um eufemismo para “quem não pode pagar”). Ela é elogiada e se torna exemplo, mas seu reconhecimento, dentro da

lógica capitalista, é da ordem do parecer, mas não da ordem do ser. Ou seja, é ilusório: ela parece ter reconhecimento, mas não o tem verdadeiramente³; pois, nessa lógica social, o reconhecimento verdadeiro precisa ser, também, ou, talvez, sobretudo, financeiro. Coloca-se, desse modo, uma violência simbólica imputada à professora e à mulher. O termo “violência simbólica” foi cunhado pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu (2024) para designar aquela que se exerce de modo insensível, invisível a suas próprias vítimas, por vias simbólicas da comunicação e do reconhecimento. A violência simbólica faz a relação de dominação ser vista como natural (Bourdieu, 2024), ou, como no exemplo que trazemos aqui, como não apenas desejável, mas também “exemplar”.

A partir das imagens selecionadas, busquemos estabelecer a construção de uma isotopia capaz de fazer emergir a possibilidade da aparição da Figura 1 como uma homenagem no dia dos professores.

Nas imagens 3 e 4, o sangue aparece como um elemento comum, marcando em vermelho a figurativização da violência escorrendo pelas faces dos sujeitos. Esse sangue resulta de um fazer, uma ação na qual foram utilizados os objetos presentes na Figura 2: um tiro ou coronhada do revólver e a surra com o taco de beisebol. Na Figura 3, a versão policial do taco, o cassetete, está verbalizada. Todas essas figuras revestem o tema da violência, construído ao longo das imagens. Estabelece-se, assim, que o professor e a professora que sangram nas imagens 3 e 4 estavam previstos pela violência figurativizada (verbal e visualmente) na Figura 2, essa que chamamos de imagem-prólogo, do final de 2018. Uma observação especial para o vermelho das unhas e do óculos da deputada que, assim como o vermelho do sangue desses docentes, trazem em comum o traço de que são “desejáveis”.

Já a Figura 5, que retrata uma violência simbólica, relaciona-se com a parte verbal da Figura 2. A professora elogiada e exemplar situa-se em lugar de oposição ao dos professores “doutrinadores” de que trata a Figura 2. Ela é conformada, por oposição aos que “estarão inconformados”; é contida, enquanto eles “não conterão sua ira”; é abnegada enquanto eles são “revoltados” e ela não tem queixas, pelo contrário, ela tem “prazer em fazer o que faz”, ao passo que eles “farão da sala de aula um auditório cativo para suas queixas (político partidárias)”.

Para além das imagens selecionadas, apontamos, a seguir, outros dois elementos desse mesmo sistema social, que se combinam para que se possa chegar à imagem da professora-mártir. São eles a característica do corpo docente brasileiro de ser predominantemente feminino e o enfraquecimento do papel do

³ Lembrando que, no quadrado da veridicção, tem-se a verdade (aquilo que parece e é), a falsidade (o que não parece e não é), o segredo (que não parece, mas é) e a mentira ou ilusão (aquilo que parece, mas não é) (Greimas; Courtés, 1979, p. 488).

professor em favor de um aprendizado autônomo, no qual se prescinde de docentes.

3. Os professores são elas

As imagens dos rostos cobertos de sangue mostram que o corpo do professor é um corpo enfraquecido e violável e, por isso, passível de violência. Um primeiro fato em relação a esse corpo é o de a profissão de professor ter se tornado majoritariamente exercida por mulheres, combinando-se “ser professor” com “ser mulher”. Segundo censo do Inep de 2017, quase 70% dos 2,5 milhões de professores no Brasil são mulheres (Gonçalves, 2018).

No contrato social ainda (infelizmente) vigente, uma mulher não deve colocar seu corpo na rua, ele deve ficar resguardado em um ambiente protegido. As mulheres, excluídas do jogo social, devem permanecer no espaço privado ou mesmo secreto (Bourdieu, 2024). Ao sair para a rua, ela se torna culpada pela violência que sofre, donde decorre que se normalize a violência contra a mulher e contra professores que vão para as ruas em greves ou manifestações — aqueles corpos, como o do texto 3, não deveriam estar ocupando aqueles lugares.

A associação entre “ser professor” e “ser mulher” também explica o fato de se glorificar a professora abnegada que decide trabalhar de graça para quem não pode, ou seja, sai-se do campo do trabalho como sustento, atividade associada à masculinidade e “indigna” da mulher e entra-se na esfera do trabalho gratuito, da caridade, esta sim uma atividade associada ao universo feminino na cultura que decorre não apenas do capitalismo, mas, também, e talvez principalmente, da concepção cristã, tão influente na formação da sociedade brasileira. Radicalizando-se essa combinatoria, chega-se ao corpo da mulher no sacrifício extremo, santificado como o de uma madona que se oferece à imolação, no caso da professora mineira que morreu para salvar seus alunos do incêndio.

É possível encontrar raízes dessa combinação entre professorado, mulheres e modo de trabalho para mulheres em 1981 quando Paulo Maluf, então governador do estado de São Paulo, ao ser indagado sobre o baixo salário dos professores estaduais, afirmou que “professora não é mal paga, é mal casada”⁴. Essa fala, perversa em muitas camadas, coloca como única opção para a mulher estar casada e depender do marido e que sua identidade e seu lugar na sociedade existem apenas em relação a um homem e a uma relação estabelecida contratualmente entre eles. Seu trabalho é colocado como similar a um passatempo, na esfera da caridade. Ou seja, lugar de mulher é em casa, lugar de professora é trabalhando voluntariamente e, a partir dessa lógica, os baixos salários decorrem implicativamente: são desnecessários, já que caberia ao homem

⁴ Pode-se encontrar esta e outras frases polêmicas de Paulo Maluf em QUAL [...] ([s.d.]).

o papel de provedor do lar. Podemos ir além e relacionar a esse cenário a frase do senso comum já ouvida muitas vezes que diz que “professor trabalha por amor” — frase comum e infelizmente trazida à tona pelo governador de São Paulo, Tarécio de Freitas, em pronunciamento público em fevereiro de 2024 (Palhares, 2024). Os elogios à professora “exemplar” do texto da Figura 5 reforçam essa relação de transferência do trabalho da mãe ou da esposa amorosa para o trabalho da professora.

4. Aprender a aprender

Outra relação que se pode estabelecer, esta mais recente, é o surgimento dos cursos online, dos materiais de autoaprendizagem, das aulas no YouTube. Embora o ensino a distância não seja uma novidade⁵, eles se intensificaram muito com o advento da rede mundial de computadores. Em se tratando de cursos nos quais o aluno aprende por meio de um material autoexplicativo (seja a revista do IUB nos anos 1970, o programa televisivo Telecurso nos anos 1980 ou os vídeos e as aulas virtuais mais recentes), o efeito que eles produzem é o de que qualquer um pode aprender, independentemente de se ter quem ensine, ou seja, o professor passa a ser prescindível. O verbo aprender passa a ser muito comumente usado em expressões como “aprender a aprender”, ou seja, não necessita mais de um sujeito que ensine para que um outro sujeito aprenda, pois esse segundo sujeito já “aprendeu a aprender”. Além desses cursos a distância, a proliferação de cursos de ensino superior EaD também transforma a presença do professor de real em virtual. Para os pólos de ensino, nome dado ao local físico que as faculdades instalam nas comunidades atendidas por elas, sujeitos tutores ocupam o lugar de auxiliares do aprendizado, também este virtual.

Como sujeito de quem se pode prescindir, a corporeidade do professor se torna menos densa, mais etérea, apontando para um sujeito des-encarnado. Essa característica nos faz avançar na análise para estabelecer uma oposição entre esse ser sem carne, que habita espaços virtuais, como o céu, e os seres mundanos, que ocupam as ruas com seus corpos que sangram.

5. “Sacrificou sua vida para salvar os alunos”

Nesse ponto de nossa análise, voltamos à imagem de origem, a da professora-mártir, que “sacrificou sua vida para salvar os alunos”, para analisar um dado da parte verbal desse texto. O sintagma nominal “sacrificar sua vida” pode ser usado em dois sentidos. Fala-se de uma “vida de sacrifício”, no qual o sujeito é vivo e seu fazer é um fazer de renúncia em prol de outro; ou, então, fala-

⁵ Referimo-nos aos cursos pelo correio que se tinha no Brasil já desde meados do século XX com o Instituto Universal Brasileiro (IUB).

se de “sacrificar uma vida” (a própria ou a de outrem), no sentido de extermínio, também em prol de outro. Tanto o Dicionário Aurélio, edição de 2010, quanto o Houaiss online ([s.d.]), trazem como primeiro significado de sacrificar “oferecer em holocausto, imolar uma vítima”, ou seja, o significado de morte. Em ambos os dicionários, o exemplo é ligado à esfera religiosa, de sacrifício “aos deuses”. O segundo significado difere nos dois dicionários. No Aurélio, é “prejudicar, lesar, danificar”, e o exemplo está ligado à esfera ambiental: “sacrificou a árvore para colher os frutos”. Para o Houaiss ([s.d.]), o segundo significado aparece como “dedicar-se totalmente a; devotar-se” e o exemplo é “sacrificou a vida ao magistério”, seguido de um segundo exemplo “sacrificou-se aos caprichos do marido”.

Nesse ponto, é preciso deter-se para olhar mais atentamente os exemplos trazidos pelo dicionário. O exemplo do sacrifício é primeiro a professora (ou o professor) e o segundo, a mulher casada. No universo cultural que habitamos e no qual nos comunicamos por meio da língua portuguesa, está registrado em dicionário que o sacrifício é feminino e ligado ao magistério. E este, como já mencionamos amparadas por pesquisa, é majoritariamente feminino. Tem-se, assim, o semântico feminino como um valor ligado duas vezes ao sacrifício. Trata-se de um sentido explicitamente inscrito na nossa cultura, tão arraigado que dicionarizado.

Figura 6: Print do verbete "sacrificar" no dicionário Houaiss online.

sacrificar (sXIV cf. FichIVPM)

princ. **conj.** **etim.** **gram.**

verbo

- 1 rg.mt. (prep.: a) oferecer(-se) em sacrifício, em holocausto à divindade; imolar *<s. animais (aos deuses)>* *<s. à Iemanjá>* *<sacerdote que sacrificava>*
- 2 bit. e pron. (prep.: a) dedicar(-se) totalmente a; consagrar(-se), devotar(-se) *<sacrificou a vida ao magistério>* *<sacrificou-se aos caprichos do marido>*
- 3 t.d.bit. e pron. (prep.: por) desprezar (pessoa ou coisa) em favor de outra; renunciar ou abandonar voluntariamente (com algum fim útil a outrem ou para se salvar); sujeitar-se, submeter-se *<s. um ideal>* *<s. a mocidade pelo bem-estar da família>* *<s.-se por uma causa útil>*
- 4 t.d. prejudicar, pôr em risco; sujeitar a todos os perigos e contingências; abater, matar, lesar *<s. uma floresta>* *<s. tantas vítimas>* *<medidas que sacrificam a população>*

sinônimos

ver sinónima de *matar*

Fonte: Dicionário Houaiss online ([s.d.]).

5. Imanência do sentido

O texto, objeto da enunciação, é uma ilusão — referencial e enunciativa — e, para ser explicado, precisa ser desbastado dos efeitos de sentido aparentes. Sob a aparência, busca-se a imanência do discurso; sob a máscara, as leis que o produzem (Barros, 2002, p. 14).

A partir das análises que acabamos de mostrar, no *corpus* selecionado para esta investigação, buscamos as estruturas imanentes e profundas das quais emergem seu sentido e as estruturas narrativas, que o organizam. Mais abstrato, o nível profundo propõe uma oposição fundamental na qual se encontram os valores que circulam no texto, e os termos dessas categorias precisam projetar os contrários de uma mesma categoria semântica (Greimas; Courtés, 1979, p. 364-366). As estruturas narrativas, por sua vez, vão mostrar as relações entre sujeitos e objetos modificadas por relações modais.

A imagem da professora morta no exercício da profissão traz enunciada, na parte verbal do texto, a dimensão do sacrifício, que, além de estar ligado à morte, também liga-se ao sagrado, no sentido de que aquele que morre em sacrifício pode tornar-se um mártir. Do outro lado, tem-se que as professoras e professores que aparecem violentados e em sangue ligam-se à ideia de vida, pelo sangue e pelo movimento nas ruas e nas escolas e, neste caso, por oposição ao sagrado, situam-se na esfera do profano.⁶ A ideia de que a violência contra esses professores possa ser mostrada repetidamente nas mídias remete ao castigo infligido como sanção àqueles que não cumpriram o contrato estabelecido.⁷

De qual contrato se trata? Do contrato de obediência à ordem estabelecida das coisas, de que o professor fica na escola, faz seu trabalho, não reclama, silencia as violências (físicas e simbólicas) sofridas e ensina o que a ideologia dominante ordena que seja ensinado. O professor, como a maior parte dos sujeitos do conjunto social, deve obediência ao que estamos chamando de “ordem estabelecida”.

No entanto, há outros contratos em jogo. Quando se retira um direito adquirido, como a previdência dos docentes, razão dos protestos reprimidos com violência na imagem de 2015 no Paraná (dentro da Figura 4) e na Figura 3 em São Paulo, há um rompimento do contrato de constituição de uma sociedade democrática.⁸ O professor, então, sai às ruas para protestar, e rompe o contrato de obediência e silêncio que se esperava dele. Em reação a essa última quebra, a repressão violenta se legitima, pois o enunciador das imagens (e das notícias na grande mídia em geral) se refere a ela, e não às anteriores, fazendo parecer que o único rompimento de contrato se dá por parte do professor. A força policial intervém para manter a ordem dominante, defendendo essa visão de mundo e seus valores.

⁶ Lembrando que profano, em sua etimologia, refere-se ao que está em frente ao templo, do lado de fora dele e, portanto, nos espaços terrenos.

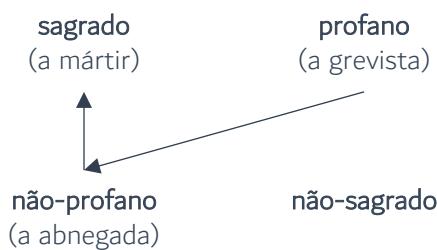
⁷ Sobre o rompimento dos contratos sociais por parte dos sujeitos e a subsequente sanção a que eles são submetidos, baseamo-nos nas ideias de Diana Barros (2011) sobre os discursos de intolerância na internet.

⁸ O conceito de sociedade democrática é de Marilena Chauí (2001), que propõe que democracia ultrapasse a ideia de regime político identificado à forma de governo e passe a ser tomada como uma forma geral de uma sociedade justa e igualitária.

Quanto aos professores agredidos nas escolas, eles também não cumpriram o contrato de obediência ao mais forte e estão sendo punidos. Os jovens alunos do sexo masculino que os agrediram se creem não apenas pertencentes à ordem do “mais forte” — e, portanto, poderiam desobedecer aos professores —, mas também se creem investidos do poder de impor a ordem, um poder que lhes foi outorgado pelo destinador na Figura 2: “filmem seus professores”, “denunciem”. Assim, esses jovens creem poder aplicar sanções e as aplicam. Explicar essa assunção por parte desses jovens sujeitos tomaria mais espaço do que temos aqui, mas cremos que ao registrar que se trata da ordem de perseguição explicitada na Figura 2, em que um destinador outorga aos seus destinatários um poder-poder e um poder-fazer, já se tem elementos suficientes para assumir esse posicionamento deles. Não estamos afirmando que essa violência contra os professores ou nas escolas não existia antes, nem que ela não traga em si outras motivações, mas que, ao ser incentivada pelo discurso que circulava na época, textualizado na postagem da deputada catarinense, ela foi explicitamente autorizada. Nessa pequena amostra de imagens de sangue e de repressão a professores, a espetacularização da violência apresenta-se como lembrete desse contrato e exemplo da punição a quem o quebra.

Na construção desse nível profundo do sentido de que estamos tratando, além da oposição semântica, buscam-se também seus termos contrários: para um termo A, um termo não-A. Assim, tem-se, nessa estrutura, o par de contrários sagrado e profano e, para cada um deles, o seu termo contraditório: não-sagrado e não-profano. O percurso de construção do sentido que se apresenta parte do profano para sua negação, o lugar do não-profano, para se chegar ao lugar desejado, o sagrado (profano → não-profano → sagrado). Delineia-se, portanto, o percurso gerativo do sentido que mostra como, no dia dos professores, pode ser feita uma homenagem à professora que, mártir, tem seu lugar no templo sagrado. Da passagem do profano, disfórico, onde se encontra a professora grevista, para a mártir, cujo valor é tão eufórico a ponto de ela ser homenageada, faz-se uma passagem pelo lugar do não-profano, onde se encontra a professora abnegada, exemplar, que “tem prazer” em trabalhar sem remuneração, por “amor ao próximo”. Essa passagem do profano para o sagrado se mostra, portanto, como um percurso euforizante. O fato de a professora abnegada transformar o bar em uma escola, transformando o profano em não-profano, corrobora o caminho apontado para esse percurso e a presença desse ponto como intermediário. A posição do não-sagrado permanece vazia, uma vez que o percurso inverso, disforizante (sagrado → não-sagrado → profano), não é encontrado registrado e parece não interessar às representações de professoras encontradas nas mídias.

Quadro 1: percurso euforizante do profano ao sagrado.



Fonte: Elaboração própria.

Além dessa oposição fundamental, desvela-se também que o enunciador desse texto “de homenagem” demonstra estar investido de valores semelhantes ao do enunciador do texto 2, com a diferença de que este trata de violência tanto simbólica quanto física e aquele, apenas de violência simbólica. Um incita à filmagem que visa à denúncia que depois acarretará outras sanções; o outro mostra que uma professora digna de homenagem é aquela que, no silêncio profundo da morte, já não pode mais exercer sua função.

Assim, juntas, as imagens selecionadas para este trabalho parecem construir uma permissão para que os valores de violência e morte que sempre estiveram subjacentes à sociedade brasileira (Schwarcz, 2019) venham à tona e passem a ser externalizados, ainda que sob um certo disfarce em forma de “homenagem” e em remissão ao sagrado. No nível narrativo, tem-se um sujeito que, disfarçando-se sob uma axiologia da ordem do sagrado, revela a busca pela violência do extermínio.

Esses valores não surgiram em 2019, eles já estavam aí, sendo manifestados socialmente em ocorrências diversas. No entanto, é provável que não pudessem emergir de modo tão evidente sem o percurso anterior de naturalização da violência (física ou simbólica) por meio das imagens midiáticas das quais trouxemos uma pequena amostra e de outras violências que foram se normalizando no seio social, contra a classe dos trabalhadores docentes, mas não só contra eles. Consideramos a hipótese de que esse tipo de homenagem não teria sido possível, não tão explicitamente, antes do recrudescimento aberto de variados tipos de violência extrema no Brasil, mostrado no texto 2 e que também pode ser conferido nos dados sobre o espantoso aumento de células nazistas em solo nacional — 270% entre janeiro de 2019 e maio de 2021 (AS [...], 2023).

Esse quadro axiológico em vigor permite que se mostre que a professora na rua merece a violência que sofre, a professora abnegada merece a violência simbólica do reconhecimento social — porém não remunerado —, a professora cumpridora dos seus deveres não merece ser mencionada porque, afinal, apenas cumpre sua obrigação, e a professora que dá a vida pela sociedade, como os

heróis da pátria de um quadro de nuances verde-amarelas, essa sim parece merecer ser lembrada e homenageada como símbolo do Dia dos Professores.

Por fim, lembremos que dar a vida por alguma causa ou por alguém traz à cena a morte como protagonista. Assim, a homenagem à mártir também coloca a morte como um valor eufórico, e isso condiz com outras inúmeras ocorrências que a evocam em nossa sociedade nos últimos anos. As 700 mil mortes (em números oficiais de 2022) de brasileiros por Covid-19, as milhares de mortes de negros e pobres cotidianamente pelas mãos do Estado e do crime, o significativo aumento do número de feminicídios desde 2018, tudo isso intensifica a presença da morte e a alça a personagem do cotidiano. Juntamente com esse protagonismo, vem sua banalização. Por uma parte das pessoas, ela é aceita sem questionamento, fruto de uma espécie de torpor; por outra, ela é desejada e invocada como solução para muitos males (como em “bandido bom é bandido morto” ou “a ditadura matou foi pouco”), intensificando seu valor eufórico. Vivemos em uma sociedade na qual quase a metade da população ou pede diretamente ou é indiferente à morte dos indesejados (pobres, pretos, povos originários e também aqueles que não concordam com a ordem vigente, os “comunistas”⁹) — tendência essa confirmada pelos votos dados ao candidato ao governo federal que defende esses valores e ficou em segundo lugar nas eleições de 2022. Não pensamos que seria exagero colocar os professores nessa categoria dos indesejados, dado o pouco apreço a essa categoria de profissionais que se mostra no cenário atual. Trata-se, na verdade, de uma constatação que se pode fazer a partir da postagem de 2018 da deputada catarinense que, aliás, reelegeu-se em 2022 com votação recorde. ●

Referências

AS últimas aulas públicas de Adriana Dias. *Instituto Humanitas Unisinos*, Porto Alegre, 2 fev. 2023. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/625959-as-ultimas-aulas-publicas-de-adriana-dias>. Acesso em: 10 mar. 2025.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. A construção discursiva dos discursos intolerantes. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de (org.) *Preconceito e intolerância*. Reflexões linguístico-discursivas. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2011. p. 255-270.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Contrato de veridicção: operações e percursos. *Revista Estudos Semióticos*, v. 18, n. 2, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2022.198279>. Acesso em: 8 mar. 2025.

⁹ Cabe aqui um esclarecimento para a posteridade: o termo “comunista” tem sido, hoje em dia, amplamente utilizado, vulgarmente, para designar qualquer tipo de malfeitor, bandido, pessoas indesejadas ou simplesmente que sejam “de esquerda” (também outro termo que, hoje, é utilizado de modo muito impreciso e deturpado, daí estas aspas). Vale apontar que nos primeiros julgamentos referentes à invasão do Congresso Nacional em 08 de janeiro de 2023 pelo STF, dois de seus ministros se dispuseram a utilizar alguns minutos de suas falas para explicar o termo e lamentar o fato de que se faça uso deles de modo inapropriado.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Estudos discursivos da intolerância: o ator da enunciação excessivo. *Caderno de Estudos Linguísticos*, v. 58, n. 1, p. 7-24, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/cel.v58i1.8646151>. Acesso em: 8 mar. 2025.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria do discurso*. Fundamentos semióticos. 3. ed. São Paulo: Humanitas, 2002.

BRASIL. *Lei nº 9.459, de 13 de maio de 1997*. Brasília, DF: Presidência da República, 1997. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9459.htm. Acesso em: 10 mar. 2025.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. A condição feminina e a violência simbólica. Trad. Maria Helena Kühner. 23. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2024.

CHAUÍ, Marilena. Introdução. A universidade na sociedade. In : CHAUÍ, Marilena. *Escritos sobre a universidade*. São Paulo: Editora da Unesp, 2001. p. 9-42.

CRUZ, Maria Teresa. Professora é agredida por PM durante manifestação em SP. *Ponte*, [s.l.], 8 fev. 2019. Disponível em: <https://ponte.org/professora-e-agredida-por-pm-durante-manifestacao-em-sp/>. Acesso em: 10 mar. 2015.

DEPUTADA eleita do PSL faz campanha pela perseguição política de professores em sala. *Jornalistas Livres*, [s.l.], 29 out. 2018. Disponível em: <https://jornalistaslivres.org/deputada-eleita-do-psl-faz-campanha-pela-perseguicao-politica-de-professores-em-sala-de-aula/>. Acesso em: 13 mar. 2025.

DICIONÁRIO Aurélio da Língua Portuguesa. 5 ed. Curitiba: Positivo, 2010.

DICIONÁRIO Houaiss online. São Paulo: UOL, [s.d.]. Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/houaissonline/apps/uol_www/vopen/html/inicio.php/. Acesso em: 10 mar. 2025.

EPTV 1. Professora monta escola dentro de bar e alfabetiza moradores da vila rural em Gavião Peixoto. *G1*, São Carlos, 12 dez. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2019/12/12/professora-monta-escola-dentro-de-bar-e-alfabetiza-moradores-de-vila-rural-em-gaviao-peixoto.ghtml>. Acesso em: 12 mar. 2025.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Cultrix, [s. d.] [1979].

GREIMAS, Algirdas Julien. *Sobre o sentido*. Ensaios semióticos. Petrópolis: Vozes, 1975.

GONÇALVES, Carolina. Brasil tem mais de 2,5 milhões de professores. *Agência Brasil*, Brasília, 15 out. 2018. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2018-10/brasil-tem-mais-de-25-milhoes-de-professores>. Acesso em: 11 mar. 2025.

PALHARES, Isabela. Professor não tem a melhor estrutura nem o melhor salário, mas tem amor, diz Tarcísio. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 20 fev. 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2024/02/professor-nao-tem-a-melhor-estrutura-nem-o-melhor-salario-mas-tem-amor-diz-tarcisio.shtml>. Acesso em: 10 mar. 2025.

QUAL é a frase mais polêmica dos 82 anos de Maluf? *UOL*, [s.l.], [s.d.]. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/album/2013/09/02/qual-e-a-frase-mais-polemica-dos-82-anos-de-maluf.htm?mode=list&foto=24>. Acesso em: 10 mar. 2015.

SCHWARCZ, Lilia Mortiz. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

TATIT, Luiz. *Semiótica à luz de Guimarães Rosa*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2010.

A path of the naturalization of violence against teachers

 NORONHA, Ana Carolina Cortez

Abstract: This paper investigates the construction of a path that naturalizes violence against teachers through syncretic texts published in digital media and on social networks in 2019 aiming to understand if the tribute paid to a dead teacher on Teacher's day of this same year is a symbolic violence. This was a year of major changes in the Brazilian political landscape, the first year of a violent government that made teachers one of its favorite targets. The choice to pay tribute to a teacher who died in the course of her profession and to set her up as an example prompted the research question in this paper: how was it possible that a teacher has become a martyr and this characteristic, despite any other qualities necessary for them to carry out their profession, comes to be held up as exemplary? Using French discursive semiotic theory, we analyze this generative path of meaning, arriving at the fundamental opposition "sacred" and "profane", adding to the results the weight of the association of the teaching profession with women, as well as the national scenario of increased violence, which are central to establishing this path.

Keywords: Discursive semiotics; violence against teachers; violence; teachers.

Como citar este artigo

NORONHA, Ana Carolina Cortez. Um percurso de naturalização da violência contra professores. *Estudos Semióticos* [online], vol. 21, n. 1. São Paulo, abril de 2025. p. 85-102. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse>. Acesso em: dia/mês/ano.

How to cite this paper

NORONHA, Ana Carolina Cortez. Um percurso de naturalização da violência contra professores. *Estudos Semióticos* [online], vol. 21, issue 1. São Paulo, April 2025. p. 85-102. Retrieved from: <https://www.revistas.usp.br/esse>. Accessed: month/day/year.

Data de recebimento do artigo: 01/09/2024.

Data de aprovação do artigo: 26/02/2025.

Este trabalho está disponível sob uma Licença Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 Internacional.

This work is licensed under a Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 International License.

